

Acesso restrito¹

Milanna Carvalho AMBRÓSIO²

Lucas Wilame ALMEIDA³

Vitor Franco GAVIRATI⁴

Renan Albuquerque RODRIGUES⁵

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO

Atualmente, nas escolas de jornalismo é comum se notar a preocupação em formar profissionais que saibam informar respondendo apenas às questões básicas do *lead* (Quem? O quê? Onde? Quando? Como? – em alguns casos: Por que?). Segundo Maia (2008), o fato é consequência do ritmo industrial que tomou conta das redações. Todavia, tal característica muitas vezes deixa de lado a qualidade na apuração e quantidade de informações que são transmitidas ao leitor. Considerando o apontamento, apresentamos neste trabalho o processo de construção da grande reportagem Acesso Restrito, onde buscou-se abordar com profundidade o tema da acessibilidade nas universidades públicas de Parintins-AM. O produto foi construído no âmbito da disciplina Grandes Reportagens, do curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins.

PALAVRAS-CHAVE: Acessibilidade; Grande Reportagem; Jornalismo Impresso; Parintins; Universidade Pública.

1 INTRODUÇÃO

O artigo III da Lei Federal Nº 10.098, de 19 de Dezembro de 2000, popularmente conhecida como “Lei da Acessibilidade”, exige que:

o planejamento e a urbanização das vias públicas, dos parques e dos demais espaços de uso público deverão ser concebidos e executados de forma a torná-los acessíveis para as pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2000, online)

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), por sua vez, diz que todos os sistemas de ensino devem organizar condições de acesso aos espaços, recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender às necessidades educacionais de todos os alunos.

Contudo, apesar de terem sido construídos após a implementação da Lei da Acessibilidade, e passados oito anos da publicação da Política, os *campi* da Universidade

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo Impresso. Reportagem publicada na Revista Eletrônica Mutações, na edição de Vol. 7, Nº. 12 (2016/1).

² Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso Comunicação Social-Jornalismo. Atualmente em período de mobilidade na Universidade do Porto, Portugal. E-mail: milannaambrosio@gmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social-Jornalismo. E-mail: lucas.wilame@hotmail.com.

⁴ Estudante do 6º. Semestre do Curso Comunicação Social-Jornalismo. E-mail: gavirati_vitor@hotmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social-Jornalismo. E-mail: renanalbuquerque@hotmail.com.

Federal do Amazonas (Ufam) e da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no município de Parintins-AM, não cumprem na totalidade o que é regulamentado na legislação destacada. Desta forma, prejudicando estudantes e funcionários deficientes e/ou com mobilidade reduzida que frequentam estas instituições.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948), no artigo XXI, assegura que todos tenham igual direito de acesso ao serviço público do seu país. Todavia, a partir do que é relatado na reportagem Acesso Restrito, podemos perceber que, apesar de ofertar as mesmas possibilidades de ingresso a todos, o acesso físico e as condições de permanência necessária para que a população deficiente usufrua em igualdade ao sistema de ensino superior público em Parintins é ineficiente. É sobre este assunto que discorre nosso trabalho.

Acesso Restrito é uma grande reportagem produzida no âmbito da disciplina optativa Grandes Reportagens, ofertada no curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Ufam, campus Parintins, no ano de 2015. O produto reporta o descumprimento da Lei da Acessibilidade e da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva nos *campi* parintinenses da Ufam e da UEA, apresentando também a história de estudantes deficientes que são ou já foram prejudicados com este fato.

“Informar, jornalisticamente falando, também significa noticiar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas socialmente relevantes (...)” (SOUSA, 2001, p. 13). De tal maneira, como abordamos no próximo tópico deste *paper*, buscamos destacar a problemática da falta de acessibilidade nas universidades públicas de Parintins.

Ainda seguindo os escritos de Jorge Pedro Sousa (2001), existem várias formas de se fazer Jornalismo, pois existem inúmeros jornalistas e diversos contextos para produzi-lo. Sendo assim, propomos em Acesso Restrito o uso de um estilo textual com base em algumas das técnicas do chamado “Novo Jornalismo”⁶. Haja vista que o jornalismo pode também “ter uma função de prazer, distração e entretenimento, oferecendo aos seus leitores prosas cativantes, histórias bem contadas (...)” (SOUSA, 2001, p. 14-15). Algo que tem a ver com nossos objetivos, explanados a partir de agora.

⁶ Segundo Luiz Paulo Maia (2008), o Novo Jornalismo é um movimento, surgido nos Estados Unidos, na década de 1960, responsável pela definitiva aproximação entre Jornalismo e Literatura. De acordo com o autor, o Novo Jornalismo “procurou afastar o jornalismo das técnicas tradicionais de cobertura, que se mostravam presas a fórmulas de escrita como a técnica do *lead* e da pirâmide invertida” (MAIA, 2008, p. 4). O movimento propunha um modelo distante do habitual, apoiava um mergulho profundo do repórter no tema a ser abordado e a utilização de recursos literários para o enriquecimento da construção textual.

2 OBJETIVO

No âmbito do programa da disciplina Grandes Reportagens, por si só, produzir Acesso Restrito seria uma das tarefas necessárias para praticar a base teórica ensinada ao longo das aulas e, de igual forma, um parâmetro de avaliação para a cadeira. Em nossa caminhada acadêmica/profissional, uma oportunidade para, guardadas as devidas proporções, vivenciar a rotina profissional, trabalhando na construção de uma reportagem.

Para além disso, buscamos, no contexto da temática sobre a acessibilidade nas universidades públicas de Parintins-AM, cumprir o principal objetivo de uma reportagem, segundo Sousa (2001): informar com profundidade e exaustividade. Objetivamos mostrar a rotina de deficientes que estudam nos campi parintinenses da Ufam e da UEA. Em nosso trabalho, pretendíamos contar as histórias destas pessoas e, assim, mostrar a forma com que são recebidos, o apoio que lhes é dado e suas dificuldades. Em suma, reportar a relação entre os estudantes deficientes e as universidades mencionadas, abordando os fatores que contribuem para que ela seja da forma que é.

Cumprindo estes objetivos inerentes ao produto, visamos abranger também a componente social do Jornalismo. Ou seja, evidenciar, trazer ao debate a problemática social da acessibilidade. Afinal, como mostra Acesso Restrito, nas universidades públicas de Parintins a Lei da Acessibilidade não é integralmente cumprida.

Em um outro sentido, também buscamos com nosso trabalho valorizar a utilização de técnicas de escrita empregadas no chamado “Novo Jornalismo”. De certa forma, mostrando como pode ser positiva sua utilização para a construção de reportagens no Jornalismo Impresso.

3 JUSTIFICATIVA

O acesso nas universidades públicas de Parintins é restrito. Não falamos sobre possíveis dificuldades quanto ao ingresso de estudantes nos diversos cursos ofertados pelas instituições de ensino. Mas sim das condições de acesso dos campi em termos físicos. Como já mencionamos, apesar da existência de um conjunto de leis brasileiras sobre a acessibilidade, no âmbito dos campi de Ufam e de UEA em Parintins-AM, poucas providências são tomadas para respeitá-las.

Como explica Sousa, “a principal função do jornalismo, nos estados democráticos de direito, é a de manter um sistema de vigilância e de controlo dos poderes. Esta vigilância

exerce-se através da difusão pública de informação” (SOUSA, 2001, p. 13). Nossa reportagem é centrada neste ideal e, desta forma, visamos com ela explicitar o descumprimento da legislação brasileira.

Tal como é abordada, em seu site, pela Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência:

Acessibilidade é um atributo essencial do ambiente que garante a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Deve estar presente nos espaços, no meio físico, no transporte, na informação e comunicação, inclusive nos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como em outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na cidade como no campo.

É um tema ainda pouco difundido, apesar de sua inegável relevância. Considerando que ela gera resultados sociais positivos e contribui para o desenvolvimento inclusivo e sustentável, sua implementação é fundamental, dependendo, porém, de mudanças culturais e atitudinais. Assim, as decisões governamentais e as políticas públicas e programas são indispensáveis para impulsionar uma nova forma de pensar, de agir, de construir, de comunicar e de utilizar recursos públicos para garantir a realização dos direitos e da cidadania. (SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, online, s/d).

Contudo, além da dimensão física, que, *a priori*, é sempre evocada através do termo, acessibilidade, no contexto educacional, também diz respeito à garantia de condições necessárias para a permanência de um aluno na instituição, bem como do sucesso de seu aprendizado. Algo que, como fazemos em Acesso Restrito, precisa ser destacado na esfera pública. Afinal, através do desrespeito aos deficientes é corroborada a exclusão social de minorias.

Ao exposto, para justificar este trabalho, acrescenta-se uma constatação de Rui Miguel Gomes (2015): na atualidade, a reportagem vem cada vez mais perdendo espaço no meio jornalístico e, por consequência, diminui-se a profundidade na informação trabalhada pelos jornalistas. A nosso ver, qualquer tentativa de combate a este fato é válida e deve ser louvada.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Quando buscamos elementos para conceituar a reportagem, encontramos um consenso entre as posições de diversos autores: este é um gênero jornalístico que trata de informar com profundidade. Entretanto,

A imprensa atual oferece ao seu público, todos os dias, um jornalismo preocupado basicamente com a simples exposição dos fatos. Há tempos

não existe mais nas redações o objetivo de transmitir ao público a informação como um todo, no seu contexto de realidade. (MAIA, 2008, p. 2)

Para oferecer ao leitor a informação em profundidade a partir da reportagem, esta deve ser preparada com antecedência e com os jornalistas a não sofrer “as pressões do tempo” como na construção da notícia, alerta Sousa (2001, p. 260). Esta foi a forma a qual trabalhamos. Em reunião com nosso orientador, discutimos temáticas que poderiam pautar uma grande reportagem. A partir da escolha, estudamos a pauta consultando leis e artigos científicos, delineamos os objetivos e o modo com que possivelmente conseguiríamos cumpri-los ao longo de um semestre, durante a disciplina Grandes Reportagens.

Segundo Sousa (2001), a produção de uma boa reportagem depende do domínio que os jornalistas possuem sobre a pauta. Abordar com sucesso a acessibilidade nas universidades públicas de Parintins-AM, neste caso, também foi possível em função de nosso convívio no referido meio universitário.

“Escrever uma reportagem é, antes de mais, contar uma história. Esta frase deve ser repetida” (SOUSA, 2001, p. 263). De tal modo, em Acesso Restrito buscamos retratar passagens da vida acadêmica de universitários deficientes que buscaram/buscaram a graduação nos *campi* parintinenses de UEA e Ufam. Não histórias aleatórias, mas sim relevantes para a compreensão da temática que abordamos, em paralelo ao enquadramento – definido a partir de nosso estudo inicial e conhecimento prévio sobre a temática – de destacar a falta de acessibilidade dos espaços citados.

Diante do exposto, nossas fontes de informação, em princípio, foram universitários deficientes prejudicados com a falta de acessibilidade dos *campi*. Mas para se construir uma reportagem, segundo Sousa (2001, p. 259), vai-se em busca de “elementos à observação directa, ao contato com as fontes e à respectiva citação, à análise de dados quantitativos, a inquéritos, em suma, a tudo o que possa contribuir para elucidar o leitor”. Assim, também nos serviram como fontes de informação a legislação brasileira, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, bem como trabalhos científicos. Sem dispensar, é claro, a consulta a responsáveis pelas instituições mencionados de forma negativa na grande reportagem, também mencionada no produto final.

A reportagem já não é uma notícia do tipo *hard news* mas uma prosa de grande fôlego que conta uma história com o máximo de pormenores possíveis, incluindo muitas notas de cor local, procurando levar os leitores

o mais próximo possível do acontecimento, como se eles próprios o pudessem estar também a viver. (GRADIM, 2000, p. 87, grifo da autora)

Para Anabela Gradim (2000), nas reportagens os *leads* devem ser retardados e existem várias formas de construção que podem ser empregadas, contudo, dispensando-se o uso da pirâmide invertida, habitual no jornalismo cotidiano. “Tudo dependerá do talento e inspiração de quem a redige” (GRADIM, 2000, p. 87).

Em termos estruturais, seguimos Sousa e sua definição sobre a grande reportagem: um produto de grande dimensão, que pode ocupar várias páginas de um jornal ou revista, também podendo ser subdividido em várias peças mais pequenas, algo que facilita a leitura.

Para conseguir com que o leitor tenha a sensação de “viver” o acontecimento, Sousa indica que o texto pode conter elementos da entrevista, da notícia, da crônica, dos artigos de opinião e de análise, formando assim um gênero híbrido.

A vivência do jornalista durante a actividade de recolha de informações pode ser englobada na reportagem. A observação e descrição dos cenários e das personagens é uma das formas de aproximar o leitor das experiências que o jornalista viveu. Os pormenores e as singularidades dos espaços, dos objectos e das pessoas são extremamente importantes: um jarro de flores de plástico em cima da mesa, uma toalha florida, a voz rouca e profunda de um combatente calejado, uma espingarda ferrugenta, um longo e aguçado bigode, tudo pode ser descrito para mergulhar o leitor no cenário. (SOUSA, 2001, p. 265).

Em Acesso Restrito, seguimos o que discorrem Gradim e Sousa sobre o estilo textual da reportagem. Neste sentido, procuramos escrever mesclando a linguagem característica do Jornalismo cotidiano e as técnicas empregadas pelo Novo Jornalismo. Isto porque

O Novo Jornalismo evidencia o mesmo tom de sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, na realidade. À objetividade da captação linear, lógica, somava-se à subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés a cabeça no real. (RANGEL; RIBEIRO, 2006, p. 4).

Para ter um texto com estilo como o descrito no excerto acima, segundo Luiz Paulo Maia (2008, p. 4), o Novo Jornalismo é centrado na utilização de recursos literários para enriquecer a construção textual. Maia, corroborando o pensamento de Tom Wolfe (1975), elenca oito procedimentos estilísticos inerentes ao Novo Jornalismo. A saber: ponto de vista da terceira pessoa; **construção cena por cena; diálogo realista; descrição significativa;** caracterização composta; **nova linguagem jornalística; metajornalismo; imagens.** Destes, utilizamos seis em nossa reportagem. Os que estão destacados em negrito.

Em suma, utilizando estes recursos, nosso texto tem: cenas construídas a partir da descrição de cenários, ações e personagens; diálogos que reproduzem textualmente as falas dos personagens, buscando fidelidade aos discursos dos personagens; e trechos que falam sobre a elaboração da própria reportagem. Assim, em Acesso Restrito:

(...)a linguagem jornalística abandona a aparência de ordem e segurança para submergir em uma percepção sensorial, emotiva e caótica do mundo.

(...)

O novo jornalismo utiliza a força das imagens, o impacto visual para criar uma aproximação emocional, quase instintiva, mais que intelectual, a um mundo cada vez mais complexo (MAIA, 2008, p. 5).

A utilização destes métodos para construção de uma grande reportagem não é algo novo. “A reportagem também flerta com outros gêneros, como a literatura, por exemplo” (GONÇALVES; SANTOS, 2014, p. 10). O uso de técnicas literárias é uma possibilidade para a construção de narrativas jornalísticas, aponta Edvaldo Pereira Lima (2004 *apud* GONÇALVES; SANTOS, 2014, p. 10). Possibilidade que, como já mencionado, mesclamos, em nosso trabalho, com a escrita habitual do Jornalismo (objetiva, clara, concisa e coesa).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Como já citamos, na unidade curricular Grandes Reportagens, ofertada como disciplina optativa do curso Comunicação Social-Jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas, como trabalho final, foi solicitada a produção de uma grande reportagem. Em uma das reuniões de turma, apresentou-se ao professor a proposta de pauta sobre a acessibilidade nas universidades públicas de Parintins. Por ser um gênero que permite maior tempo de apuração, a reportagem foi elaborada durante a disciplina, com o acompanhamento do docente.

Antes de tudo, buscamos informações sobre a existência de leis que fossem voltadas para a questão da acessibilidade em prédios públicos. Após a pesquisa, verificamos que a legislação não era cumprida nas duas instituições públicas de ensino superior em Parintins. Tal fato chamou a atenção da equipe e despertou ainda mais o interesse de escrever sobre o tema, tendo em vista uma das características essenciais do jornalismo: de atuar como vigilante dos outros poderes, a fim de denunciar o que não é cumprido pelos mesmos.

Depois da pesquisa sobre as leis, partimos para o levantamento de dados sobre o número de estudantes com alguma deficiência nas universidades de Parintins. Descobrimos que as próprias unidades de ensino não faziam um acompanhamento da quantidade de

alunos com dificuldade de mobilidade. Por isso, tivemos que percorrer nas coordenações de cada curso das instituições para apurar a informação.

A partir de visitas aos centros, encontramos fontes para a reportagem. Entrevistamos alunos, famílias e funcionários dos institutos. Realizar as entrevistas com universitários deficientes nos permitiu conhecer melhor os problemas enfrentados por eles. Os personagens da reportagem relataram as dificuldades que encontraram em campus sem acessibilidade, seja no sentido físico ou metodológico.

As conversas com os familiares também ajudaram na coleta de informações. O que auxiliou na comunicação, nos casos de deficientes auditivos, tendo em vista que os entrevistadores não possuíam domínio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Algumas entrevistas, inclusive, aconteceram com o auxílio de familiares, que atuavam como tradutores entre repórteres e fontes. Também entrevistamos utilizando folhas de papel, onde íamos escrevendo as perguntas à medida que a entrevista se desenvolvia.

Buscamos entrevistar alunos que estavam passando pela universidade e encarando a ausência da acessibilidade e pessoas já formadas que, conseguiram concluir os cursos mesmo com os obstáculos da falta de inclusão. Também fomos atrás dos responsáveis pela direção e coordenação dos institutos a fim de questioná-los sobre o não cumprimento das leis. Colocando, assim, em prática um dos preceitos do jornalismo, tocante a ouvir todos os lados envolvidos nos acontecimentos.

Para apresentar outra perspectiva da acessibilidade em instituições de ensino em Parintins, fomos até uma escola municipal que é considerada por muitos um exemplo no atendimento a alunos deficientes. No texto, falamos sobre o trabalho desenvolvido pelo colégio.

Com as informações apuradas, na construção do texto usamos o estilo de escrita diferente do habitual, até por se tratar de uma grande reportagem. Segundo Luiz Maia (2008), as instituições que ensinam Jornalismo no cenário atual preocupam-se muito em formar profissionais que saibam escrever textos enxutos para atender a lógica mercadológica que tomou conta das redações, o que é questionado pelo autor. De acordo com ele, grandes reportagens à procura por novos aspectos, além de inovação no estilo e na linguagem, deixaram de ser importantes na formação dos futuros profissionais.

O formando sai “pronto” para o mercado: ele sabe olhar para a câmera, fazer uma passagem, um texto enxuto para o rádio, outro mais enxuto ainda para o jornal online e assim por diante. Mas, e a qualidade deste mesmo texto? A investigação sobre um determinado assunto que mereceria mais que uma simples nota? A preocupação com questões

sociais e com grupos que dificilmente conseguem espaço nos grandes meios de comunicação? (MAIA, 2008, p. 3).

Tendo em vista as considerações do autor, buscamos apresentar em nossa reportagem uma maior profundidade sobre o tema, pois acreditamos que merecia tal abordagem. Acreditamos que a pauta tinha a relevância social e era um assunto sem espaço na imprensa diária, que, como salienta Maia, preocupa-se mais com a rapidez da informação do que com a qualidade e quantidade de informações no texto.

Como resultado, o produto apresentado por nós conta com um texto de mais de 34 mil caracteres (com espaços), divididos em entretítulos e informações contidas em boxes. A ideia surge com o objetivo de não permitirmos que a leitura seja cansativa ao leitor, assim como acentuar os traços que caracterizam uma grande reportagem. O nome do produto é uma metáfora que nasce da imagem de placas com aviso “Acesso Restrito”. Foi usado como ironia, uma vez que, nas instituições observadas por nós há placas assim (para outros fins), e o acesso de pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida é restrito.

6 CONSIDERAÇÕES

Escrever a reportagem Acesso Restrito possibilitou aos acadêmicos a prática de apuração maior que a habitual. Lembrando aqui dos apontamentos de Maia (2008), quando este versa sobre a preocupação das escolas de Jornalismo com a produção de conteúdos enxutos e tratados de forma superficial. Na construção da reportagem descrita aqui foi possível fugirmos do que pondera o autor e apresentamos um texto com profundidade, onde buscamos qualidade e quantidade de informações.

Entrevistar os universitários com deficiência para conhecer suas histórias foi um desafio para os repórteres, sobretudo com os deficientes auditivos, uma vez que não tínhamos o domínio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Do mesmo modo, foi desafiante a maneira de construir o texto sem deixá-lo com um tom sensacionalista, que explorasse a dor alheia meramente em troca de audiência. Procuramos relatar as histórias de modo que passasse a emoção vivida pelos deficientes com o intuito de levar o leitor a conhecer o que se passa com alguém que enfrenta as situações vividas por eles em um ambiente que não atende a necessidade de todos.

Também foi uma oportunidade de escrevermos uma reportagem sobre um tema relevante para a sociedade. Colocamos em prática um dos pensamentos essenciais do Jornalismo, de atuar como vigilante dos outros poderes e denunciar o não cumprimento de leis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. LEI Nº 10.098, 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.** Planalto. Online. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm. Acesso em 5 de outubro de 2015, às 15h.

BRASIL. Ministério da Educação, 2008. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em 5 de outubro de 2015, às 15h20.

GOMES, Rui Miguel. **O Fim da Reportagem: o Jornalismo à distância de um clique.** Lisboa: Alétheia, 2015.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; SANTOS, Marli dos. **Reportagem: narrativa em muitos estilos.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 37, 2014. Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom.

GRADIM, Anabela. **Manual de Jornalismo.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2000.

MAIA, Luiz Paulo. **A grande reportagem como criação literária: a experiência da Universidade Federal do Paraná.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 9, 2008. Anais do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul. São Paulo: Intercom.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos,** 1948. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acesso em 5 de outubro de 2015, às 15h30.

RANGEL, Juliana Bomtempo; RIBEIRO, Ariane Regina. **A influência do movimento do Novo Jornalismo no jornalismo convencional do Brasil a partir da década de 60, com ênfase na produção de livros-reportagem.** In: Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 11, 2006. Anais do XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. São Paulo: Intercom.

SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. **Acessibilidade.** Disponível em <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/acessibilidade-0>. Acesso em 05 de outubro de 2016, às 15h15.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo Impresso.** Porto: Bocc, 2001.

WOLFE, Tom. **El Nuevo Periodismo.** Barcelona: Anagrama, 1975.